

Nome: Ubiratane de Moraes Rodrigues

E-mail: ubiratanerodrigues@gmail.com

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Oliver Tolle

A ATUALIDADE DA UTOPIA NO HORIZONTE ESTÉTICO DE ERNST BLOCH E THEODOR W. ADORNO

Resumo: A partir da abordagem dialética da *Teoria Estética (Ästhetische Theorie)* de T.W. Adorno e do *Princípio Esperança (Das Prinzip Hoffnung)* de Ernst Bloch, propomos como objetivo deste trabalho apresentar a atualidade da utopia no horizonte estético destes dois filósofos. Para alcance de nosso objetivo, partimos da origem e dos desdobramentos dos conceitos *enigma (Rätsel)* de Adorno e *pré-aparência (Vor-Schein)* de Bloch e suas relações com a utopia. Estes conceitos são centrais na tarefa dos dois filósofos para pensar e interpretar a obra de arte no século XX, e para o autor deste trabalho, ainda respondem questões estéticas da atualidade.

No Brasil, o diálogo Adorno-Bloch é pouco conhecido, Michel Löwy (2009) até o momento é o único vestígio de diálogo entre ambos traduzido no Brasil, nos propomos também a contribuir para o conhecimento filosófico destes dois pensadores e apontar a atualidade dos dois no pensamento estético contemporâneo.

Não temos dúvidas da possibilidade de um diálogo entre Adorno e Bloch sobre a utopia, mas, cumpre-nos investigar se no âmbito da estética os conceitos *enigma (Rätsel)* e *pré-aparência (Vor-Schein)* para além de suas dialéticas com a verdade apontam vestígios utópicos na obra de arte.

A noção *pré-aparência (Vor-Schein)*, que para nós marca esta relação – arte e utopia – está intimamente ligada aos sonhos acordados, estes, que diferente dos sonhos diurnos são os modeladores da arte. Como modelador da arte, os sonhos diurnos cumprem a função de apresentar antecipadamente um mundo melhor, que a arte anteciparia pela *pré-aparência (Vor-Schein)* do visível, pois nela seriam comunicados os interesses utópicos de uma vida melhor.

A *pré-aparência (Vor-Schein)* faz da obra de arte um fragmento do possível real, uma passagem da obra para o mundo, liga o fragmento ao seu correlato no mundo do qual ele faz parte, posto que “a utopia concreta como determinação do objeto pressupõe o fragmento concreto como determinação do objeto e o envolve, ainda que certamente como um fragmento no final das contas passível de anulação” (BLOCH, 2005, p, 212). Ora, “o elemento ilusório das obras de arte concentrou-se na pretensão a serem um todo” (ADORNO, 2008, p. 159). Não seria o fragmento a melhor maneira de se escapar à tentativa de totalização da obra de arte? Uma maneira de sustentar a

arte como aparência sem cair no meramente ilusório?

O conceito de *Enigma (Rätsel)*, que aparece mais sistematizado e desenvolvido a partir da seção “*caráter enigmático, conteúdo de verdade; metafísica.*” (Ibidem, pp. 183-209), nos remete ao início da obra onde Adorno afirma que: “a definição do que é arte é sempre dada previamente pelo que foi outrora, mas apenas é legitimada por aquilo em que se tornou, aberta ao que pretende ser e àquilo em que poderá talvez tornar-se” (Ibidem, p. 14).

Há um esforço tanto em Adorno como em Bloch de resgatar a aparência da obra de arte. Este resgate só poderia ser feito se houvesse para além desta, algo que só se pudesse ter acesso através da aparência. Embora Bloch fale da utopia, da obra de arte como fragmento utópico, não afirma nenhum acabamento utópico, ou melhor, não aponta nenhum lugar pronto para habitação. A obra de arte não é acabada, porque como nos lembra Adorno ela, “(...) a arte só é interpretada pela lei do movimento, não por invariantes. Determina-se na relação com o que ela não é” (Idem).

Tanto Bloch quanto Adorno sabem que a aparência não é suficiente para apresentarem um conteúdo de verdade ou um fragmento de utopia, é na e pela aparência da obra que adentramos na verdade da obra de arte, seja esta manifesta de forma enigmática ou na forma de *pré-aparência (Vor-Schein)*. É Adorno o autor que melhor expõe a crise da aparência, e a partir desta, ele chega à exposição do caráter enigmático da obra de arte. Aqui, ao contrário de Bloch, não há antecipadamente uma função utópica na arte, mesmo sabendo que “em toda obra de arte genuína, aparece algo que não existe.” (Ibidem, p. 131).

Será o caráter enigmático da obra, ou melhor, o conteúdo de verdade atravessado pelo enigmático da obra que sustentará a aparência. Ou ainda, a interpretação filosófica da categoria *enigma (Rätsel)* na obra de arte, é que para nós, garantirá um estatuto epistemológico à obra de arte, e por fim, poderá sustentar no horizonte estético adorniano a utopia.

Partindo do desdobramento entre o conteúdo de verdade e *enigma (Rätsel)*, buscamos encontrar um nexos entre este desdobramento e a utopia em Adorno. Não fugindo de seus princípios, a utopia aparece no horizonte estético de Adorno negativamente. Mas, não de todo explicitamente abandonada. É preciso adentrar cuidadosamente neste terreno, pois ao mesmo tempo em que Adorno diz que “a arte, tal como a teoria, não está em condições de realizar a utopia; nem sequer negativamente.” Ele afirma: “o Novo enquanto criptograma é a imagem da decadência; só através da sua negatividade absoluta é que a arte exprime o inexprimível, a utopia.” (Ibidem, p. 58).

Em Bloch, também não há a realização da utopia através da arte, esta apenas antecipa pela *pré-aparência (Vor-Schein)* o ainda-não. Bloch não fala como deve ser a reconciliação sujeito-objeto, não transcreve um lugar pronto e acabado, não determina o indeterminável, mas aponta um horizonte de possibilidade, um possível-real. Adorno, não é tão otimista e enfático como Bloch, mas sabe que pelo “(...) facto de as obras de arte existirem mostra que o não-ente poderia existir. A

realidade (*Wirklichkeit*) das obras de arte dá testemunho da possibilidade do possível” (Ibidem, p. 204).

A obra de arte que espera ainda sua interpretação é enigmática, assim, se “toda a obra é utopia tanto quanto, pela sua forma, antecipa o que ela, em última análise, seria e isso viria ao encontro da pretensão de obliterar a proscricção do ser próprio (*Selbstsein*) disseminado pelo sujeito” (Ibidem, p. 207). Poderíamos, com risco de errar, levantar a hipótese de que o *enigma* (*Rätsel*) da obra é a utopia não decifrada, ainda não alcançada, irrealizável no mundo administrado, mas à espera, no horizonte da possibilidade. E por fim, reforçar que no horizonte estético de Bloch e Adorno a utopia aproxima e distância estes dois filósofos sempre *torneados* pela crítica e pela interpretação, mas nunca encerrados.

Palavras-chave: Adorno. Bloch. Estética. Utopia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. V1. Trad. Nélio Schneider. EDUERJ: Contraponto. Rio de Janeiro. 2005.

_____. *The Utopian Function of Art and Literature: Selected Essays*. Studies in contemporary German social thought. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.

LÖWY, Michel. *Ernst Bloch e Theodor Adorno: luzes do Romantismo*. In cadernos Cemarx, nº 6-2009, pp. 11-27.